Livro "Povo Desconhecido" – inicio dia 17/07/2002.

Tudo começou numa fazenda. Interessante como a maior parte dos grandes acontecimentos ocorrem na cidade grande, mas desta vez tudo começou numa simples e pequena fazenda no interior de Minas Gerais, perto de Camanducaia. Havia em nossa fazenda três quartos sendo dois com cama de solteiro e um com cama de casal; um único e minúsculo banheiro; uma sala; uma cozinha; uma varanda larga e espaçosa. Os móveis rústicos tinham sido herdados do tataravô do meu marido. Havia um curral com três vaquinhas malhadas leiteiras, um bezerro recém-nascido e um boi; um cavalo pangaré. Nosso cachorrinho vira-lata Futrica, pois era muito curioso e mexia em tudo. No fundo da fazenda, ao lado do belo pomar, tinha uma lagoa pequena onde os patos passam uma época do ano. Os peixes são saborosos também. Morávamos eu, meu marido e minha velha avó. A propósito eu me chamo Maressa e meu marido se chama Alex; minha vovó se chama Ana Márcia. Já faz três anos que somos casados e ainda não tínhamos filhos. Pretendíamos ter filhos dali a um ano. Minha avozinha fica a maior parte do tempo quieta na cadeira de balanço fazendo crochê ou tricô. Às vezes até nos esquecemos de que ela mora conosco. Só sai toda animadinha quando vamos ao culto nos domingos à noite. A igreja fica longe de nossa fazenda e por isso só vamos aos domingos. São cerca de meia hora de pick-up.

É isso aí! Nossa vidinha era muito calma e gostosa.

Certo dia, depois que Alex ordenhou as vacas e eu estava arrumando a casa, e nos assustamos com a quantidade de pássaros e patos na lagoa. Estava divertido observar aquele tanto de animais em volta da lagoa. Daí Alex para me assustar me jogou na água então ficamos brincando na água. Minha avó também veio brincar, mas a pobrezinha pegou uma gripe muito forte. Teve que ficar dias de cama.

No período em que ainda estava de cama aconteceu algo estranho que mudou nossas vidas para sempre. Ouvimos batidas fortes na porta da frente, corri para atender. Quando abri havia um homem muito branco, com idade aproximada de 50 anos e muito machucado. Suas roupas estavam rasgadas e sujas de sangue. Ele parecia ter andado muito, pois mal ficava em pé na soleira da porta.

- Alex me ajude aqui! – gritei para dentro de casa.
- O que é isso? Quem é ele? – Alex estava apavorado como sempre.
- Não sei, mas precisamos ajudá-lo.
- Vamos trazê-lo para o sofá. Senhor qual o seu nome? O que podemos fazer para ajudar? O que o traz aqui?
- Meu nome é Clovis. Tenho um recado para vocês: a tribo pitomba ordenou que vocês saíssem das terras, pois eles querem morar aqui. Estão com meu amigo missionário Fernando como refém e vão matá-lo. Se vocês não cooperarem vão matar vocês também... coffe, coffe...
- Porque fizeram isso com você? Que tribo é essa? Nunca ouvi falar?
- Disseram que eu sou o aviso. Farão coisas piores com vocês. Esta tribo mora no lado norte daqui próximo ao monte copa-preta.
- Não me lembro de ninguém que mora para o lado norte – trouxe um copo com água para ele.
- Só existem eles. Querem conquistar toda a região. Muito obrigado pela água e toda a gentileza.
- Vamos chamar um médico para você.

- Creio que não vai adiantar, pois eles me deram um veneno letal ao qual eu vou morrer dentro de poucas horas.
- Mas podemos tentar reverter esta situação. Maressa ligue para o doutor Navarro.
- Sim, querido.

Enquanto eu ligava para o médico, meu marido continuava conseguindo mais informações sobre a tal aldeia. Passados quarenta minutos o médico chegou e começou a examiná-lo.

- Realmente este veneno é letal. Ele ingeriu uma planta chamada *Manihot utilíssima* mais conhecida como mandioca brava. O que posso fazer para ajudá-lo é apenas aplicar um anestésico para que a dor não seja tão grande e um sonífero, pois assim o senhor vai morrer dormindo.
- Eu quero sim, doutor. Por favor, avisem minha família. Anotem o telefone. Eles saberão o que fazer. – neste momento o senhor Clovis já estava babando e com os olhos muito vermelhos. Reclamava de dor no estomago e vomitava muito. Havia queimadura na boca, e a pupila dos olhos havia dilatado. Não conseguia respirar bem. Creio que não iria demorar a conhecer a morte de perto, entretanto ainda conseguiu dizer os números do telefone da família.
- Vamos ligar sim. – meus olhos estavam marejados de lágrimas. Era triste ver um homem morrendo ali na nossa frente e sem podermos fazer nada. Enquanto isso o doutor aplicava as duas injeções no paciente.
- Muito obrigado doutor Navarro – meu marido disse com a cabeça baixa.
- É triste, mas não há o que fazer. É melhor chamar a polícia para fazer todo procedimento legal.
- Sim. Obrigado pela dica. Vá com Deus!
- Fiquem com Deus! – assim nosso médico se despediu.

Ligamos para a família que pediu a gentileza de levar o corpo para a funerária à cidade. A polícia foi muito atenciosa conosco. Contamos tudo que aconteceu e eles levaram o corpo para a cidade mais próxima, onde a família já esperava. Nem paramos para pensar muito no aviso que ele veio nos dar, pois estávamos muito preocupados com ele e sua família. Somente no dia seguinte lembramos que estávamos ameaçados de perder a propriedade e a vida.

- O que você acha que devemos fazer, meu amor? - perguntei.
- Creio que não vai adiantar muito contar para a polícia já que ninguém conhece essa tal aldeia.

Neste momento ouvimos um barulho no quarto de minha mãe. Quando chegamos até a porta...

- Meu Deus, com toda esta confusão esquecemos de minha mãe. – comecei a chorar.
- Calma, vamos chamar o médico novamente para examiná-la.

Dona Ana Márcia estava muito mal. Com os olhos fundos e espasmos freqüentes. Tossia muito. Aquela gripe que consideramos coisa pouca tinha se agravado, principalmente porque não estávamos dando os devidos cuidados. Para falar a verdade nem a alimentamos na noite passada. O doutor Navarro examinou e deu o diagnóstico:

- Sinto muito, mas é pneumonia e como ela está muito velha pode não resistir – percebíamos a tristeza nos olhos do nosso amado doutor que nos conhecia há anos.
- Não é possível! Não, não, não, não aceito. Não acredito. Faça alguma coisa – gritei com ele.

- Menina, os remédios estão aqui, basta você cuidar direito, mas nem assim posso garantir.
- Não vai acontecer nada. Por favor, me garanta que ela vai ficar bem.
- Não posso garantir nada. Apenas cuide bem dela.

Naquela noite, passei em claro ao lado dela. Não cessava de passar as mãos naqueles lindos cabelos brancos. Os remédios pareciam não resolver nada. Ela sofria muito. Entretanto encontrou forças para conversar comigo:

- Minha neta, eu te amo muito e quero ver somente o seu bem... Coffe.. Coffe...
- Sim, vovó, estou aqui do seu lado.
- Querida, sei que você e Alex ainda não aceitaram Jesus. Mas quero dizer que só há salvação em Jesus. Entregue seu coração verdadeiramente para Ele.
- Vovó, eu já vou a igreja. Não é o suficiente?
- Não. Você vai apenas para me levar. Meu bem, você só vai ser feliz com Jesus. Eu estarei me encontrando com Ele em breve e vocês precisam Dele também.
- Tudo bem, vovó.
- Querida, lembre-se: você só vai encontrar forcas para lutar se estiver nos braços de Jesus. Não se esqueça disto – quando terminou de dizer fechou os olhinhos e dormiu. O cansado tomou conta da velhinha não nem tempo de conversar mais.

A noite foi longa, mas por fim amanheceu o dia. Eu estava sentada no chão com os braços sobre a cama. Levantei a cabeça com o pensamento de que ela já estaria boa, mas ao contrário disso ela havia dormido eternamente. Estranho como havia um leve sorriso no rosto como se tivesse realmente encontrado a felicidade. Chamei Alex.

- Vamos levá-la para a funerária. Não fique triste, amor. Ela está descansando agora – ele tentou me conformar.
- Mas não está mais comigo – choraminguei.
- Ela sempre disse que iria para um lugar melhor e agora é feliz.

Colocamos ela cuidadosamente sobre a pick-up e viajamos para a cidade. Neste dia ficamos até anoitecer na cidade. Quando voltamos para casa era noite escura e profunda.

- Alex, você quer continuar a ir para a igreja aos domingos? – procurei um assunto para que ele não dormisse ao volante.
- Mel, eu não sei. Acho interessante as coisas que acontecem lá. Viu como aquele homem resolveu o problema financeiro? Qual era mesmo o nome dele?
- Aquele homem de cabelos crespos e grisalhos? Acho que o nome dele é Carlos. Ele tinha falido e perdido tudo. Mas segundo ele não era temente a Deus, e agora neste mês quando resolveu aceitar Jesus surgiu até emprego.
- Muito interessante. Ele tentou de tudo, mas só conseguiu ter paz quando foi a igreja e aceitou o amor de Jesus. Você lembra do dia que ele chegou na igreja.
- Isso foi há um mês... Ele estava cabisbaixo. Parecia que tinha o mundo encima dos ombros.
- É verdade!!! Pronto. Chegamos quero comer algo, tomar um bom banho quente e dormir como pedra – sorriu.
- Eu também. Enquanto você toma banho, eu preparo algo para comer.
- Obrigado, meu mel.

Após comer um sanduíche de presunto, mussarela e tomate com suco de maracujá, deitamos e o cansaço nos dominou e Alex dormiu rapidamente, mas eu não consegui pegar no sono pensando em tudo nos havia acontecido em todos estes últimos dias.

Entretanto fomos acordados com barulho de vidro quebrando. Já era dia e podíamos ver perfeitamente pelas janelas a casa rodeada de pessoas com pele morena.

- O que é isso agora? Será que não vamos mais ter sossego? – Alex já estava impaciente com tudo que estava acontecendo.
- Calma, amor. Vamos ficar quietos para ver o que eles fazem.
- Será que são da tribo que o Sr. Clovis falou?
- Se for é melhor fugir. Lembra que ele falou em morte.
- São muitas pessoas – ele olhou pela janela.
- Alex o que vamos fazer?
- Vou dar uma olhada pela casa. Espere aqui.

Neste momento ouvimos passos pelo corredor. Ele colocou um tênis e eu fiz o mesmo.

- Venha, Maressa, vamos para o banheiro. - Entramos no banheiro da suíte correndo - Vamos sair pela janela. Primeiro deixe-me olhar por ela. – após olhar para todos os lados – não tem ninguém. Venha depressa.

Saímos pela janela e corremos para o pomar. Subindo em uma grande mangueira para esperar um momento de agir. Não sabíamos para onde ir e o que fazer. Apenas esperamos para ver o que aconteceria. Era difícil conter o choro. Mas engolia o nó na minha garganta, pois poderia chamar a atenção. Víamos aquelas pessoas quebrarem as janelas, jogar algumas coisas para fora. Nossas coisas... Que havíamos conseguido com tanto sacrifício. Alguns objetos que ganhamos de presente de casamento. Algumas relíquias nossas. Moveis herdados pelo tataravô de Alex. Durante muito tempo ficamos ali só observando. Por fim Alex resolveu que seria melhor sair dali para pedir ajuda. Quando colocamos os pés no chão ouvimos gritos. Eles haviam nos visto. Corremos muito. Não importando com pedras, galhos, mata fechada. Em alguns lugares era complicado de passar pela quantidade de galhos, folhas, cipós. Sentíamos os arranhões na pele. Nossas roupas rasgando... Os pés machucados. Ainda bem que estamos vestidos de calça e blusa de moletom por causa do frio da noite passada.

- Maressa, pode parar de correr. Eles não estão mais nos perseguindo.

Sentamos no chão e esperamos o fôlego voltar. Parecia uma eternidade.

- Meu mel, vou subir nesta árvore e ver se nos localizamos – apesar de toda confusão, Alex ainda conseguia ser carinhoso comigo.
- Nunca tínhamos vindo para estes lados, pois o norte é totalmente desabitado.
- É, mas se existe uma aldeia pode existir outras pessoas também. Espere! Estou vendo uma clareira. Acho que é a tal aldeia. Estamos perto do monte copa-preta, podemos ir até lá para encontrar uma caverna e nos abrigar. Lá pensaremos no que fazer.
- Tudo bem. Vamos

Andamos em direção ao monte. Havia realmente uma caverna, entramos e escolhemos um lugar iluminado pelo sol e até confortável. Deitei no colo de Alex para descansar um pouco. Ele estava triste com a cabeça recostada na rocha. Seus cabelos loiros bagunçados. O sol batia neles deixando mais claros, inclusive seus olhos pareciam mais claros também. Eram verdes. Alex era descendente de Alemão enquanto que eu era descendente de índio. Somos o oposto. Ele loiro, eu morena. Eu tinha os cabelos longos castanhos, mas no momento baguncados. Meus olhos cor de mel. Por isso ele me chamava de mel. Naquela caverna pensávamos nos nossos sonhos quebrados. Nossa casa invadida.

- Se formos à polícia eles vão fazer alguma coisa. Tenho certeza – dizia ele tentando se auto consolar.
- Amor, vamos dar um jeito nisso tudo – passei a mão no seu rosto e acaricie por algum tempo, mas o cansaço era tamanho que comecei a dormir.

Ele também dormiu e quando acordamos, mais tarde, estávamos renovados. Prontos para lutar por nossos direitos.

- Alex, me lembrei de uma coisa que vovó me disse antes de morrer e acho que ela tem razão. Ela disse que só teríamos forças para lutar se estivéssemos nos braços de Jesus.
- Neste momento me lembro de tudo que nos foi dito na igreja quando levávamo-la. Como aquelas pessoas mesmo na dificuldade conseguiam força para lutar? Algumas vezes com lares desfeitos e mesmo assim alegres por terem encontrado Jesus – Alex compreendeu que tudo era possível por causa da presença de Jesus.
- Lembra de uma senhora cujo marido era um alcoólatra e batia nos filhos e mesmo assim ela era uma senhora alegre e confiante em Deus?
- Lembro. Depois de dois anos o marido dela foi transformado pelo poder do sangue de Jesus.
- Alex, acho que já é hora de sermos transformados – eu dizia com lagrimas nos olhos, pois sabia que deveria ter tomado esta posição antes.
- Você tem razão. Vamos orar a Deus pedindo perdão.
- Sim.
- Senhor meu Deus e Pai, por favor, nos perdoa por todas as falhas, erros, pecados. Somos nada perante Tua presença. Não somos dignos de Teu imenso amor. Mas perdoa-nos. Olhe para nós aqui neste lugar. Nos dê uma solução. Entregamos aos teus pés nossa vida para Tua soberana vontade. Faça de nós o que quiseres. Que não sejamos nós, mas teu Espírito Santo agindo – Alex chorava como um menino aos pés do Pai. Derramando todo seu coração e sentimentos.
- Queremos nos esquecer de nós e pensar em ti, Senhor. Nos ajuda a solucionar o problema com esta tribo. Leva ela a salvação como o Senhor está nos dando agora. Estenda Suas mãos sobre este povo e os abençoa. Mesmo que seja para não termos mais nossa fazendinha. Alcança, Senhor, a vida destas pessoas, sarando suas feridas, quebrando as maldições, restaurando os corações – neste momento nós estávamos ajoelhados chorando muito. Eu disse estas palavras de coração aberto. Se fosse há algum tempo atrás não falaria assim.
- Senhor, nós declaramos que aceitamos o sacrifício de Jesus naquela cruz para nos salvar – Alex disse entre lágrimas.
- Senhor Jesus, obrigada pelo teu sacrifício por nós. Mesmo sendo tão pecadores o Senhor se lembrou de nós. Aleluia! – eu já não sabia se chorava ou sorria por saber que Jesus tinha nos salvado. Que Ele tinha um plano maravilhoso para nós.

Permanecemos ali por um bom tempo.

- Alex, quero aproveitar para te pedir desculpas por tudo que algum dia fiz de errado em relação a você. Perdoa-me se não fui a pessoa maravilhosa que você sempre imaginou desde nosso casamento. Quero que a partir de hoje que nossa relação seja melhor. Quero que você se sinta completamente feliz comigo. Quero que o Espírito Santo haja sobre minha vida, me transformando para ser uma

esposa boa, companheira e amorosa. Perdoa-me se não estou sendo o que você merece – olhei para ele.

- Maressa, meu amor, você é tudo que eu sempre quis. Não há nada com o qual eu poderia te perdoar. Durante todos os anos sem te conhecer, eu imaginava alguém assim como você é, mas demorei um pouco para perceber que você é tudo que quero para mim. Eu também peço perdão por cobrar de você coisas que você não é. Na verdade, eu te amo pelo que você é. Mas se é para te fazer feliz eu te perdôo sim.
- Querido, você também é tudo que eu pedi a Deus. Eu também te perdôo. Você é o homem que uma mulher gostaria de ter.
- De agora em diante quem rege este casamento é Deus, Jesus Cristo e o Espírito Santo. Não haverá mais brigas, pois sei que Deus nos ajudará a resolvê-la. E nenhuma mancha do que ficou para trás ira perturbar nossas vidas.
- Sim, sim.
- Chega de choro. Vamos... Temos muito que trabalhar hoje. Descobrir quem é Fernando? Como ele está? Quem são estas pessoas da tribo? O que querem realmente?
- Estou de comum acordo. Vamos.

Saímos dali entrando na mata em direção ao que pensavamos ser a tribo. Nos escondemos numa moita próxima a uma cabana onde haviam gritos. Ali estava acontecendo uma reunião entre os que pareciam ser os chefões da aldeia. Vimos um homem moreno-claro, mas com aparecia diferente dos outros índios. E pela roupa deu para ter certeza que não era da tribo. Observamos tudo bem quietinhos. Depois de meia hora eles arrastaram aquele homem para uma pequena oca e dois índios grandes ficaram na porta de vigia.

- É para aquela cabana que temos que ir pois aquele deve ser o missionário Fernando – disse Alex.
- Ficou louco? Como se não existisse aqueles grandalhões na porta?
- Vamos tentar conversar com ele pela parte de trás da cabana. Venha. Se ele não for Fernando pode ser que tenha alguma idéia de onde esteja.

Nisto saímos da moita e agachados fomos para a pequena oca. Ela era construída de bambu e cordas, então dava para ver tudo que tinha por dentro.

- psiu – chamou Alex – ei você ai dentro.

O homem olhou e veio rastejando para junto de nós.

- Qual o seu nome? – perguntou Alex.
- Fernando. Como você conseguiram chegar aqui? O que estão fazendo aqui?
- Não importa como chegamos. Tem alguma noção de como podemos fazer para tira-lo daí?
- Ao anoitecer podemos tentar lixar estes bambus ou enfrentar os dois vigias – respondeu Fernando triste.
- Não gostei de nenhuma opção – eu intrometi.
- Não temos nada aqui para lixar ou cortar – respondeu Alex.
- De tardinha as mulheres entram aqui para trazer comida. Nesta hora os guardas também saem para comer e fica apenas um deles na porta.
- Entendi. Poderíamos silencia-lo e fugir – concluiu Alex.
- Sim. Você está animado a fazer isso? – já dava para ver o brilho nos olhos de Fernando.

- Com a graça e ajuda de Deus, sim. Voltaremos aqui ao entardecer. Tudo bem?
- Sim.
- Venha Maressa precisamos de um plano.

Saímos daí rastejando e voltamos para a caverna.

- meu amor, é muito perigoso – tentei induzi-lo a pensar mais um pouco.
- Eu sei, mas já está perigoso o suficiente ficar aqui nesta cavena com nada para comer a não ser aquelas bananas e maças que encontramos lá em baixo. Você acha que é mais seguro ir embora e deixar aquele homem lá?
- Não. Consideravelmente não. Ele precisa de nós.
- Não se preocupe, Maressa. Vou ver muito caudeloso. E não quero machucar ninguém com estes meus braços fortes – ele fez pose. Eu comecei a rir daquele muque magrinho. Ele sabia como ninguém me acalmar nas horas difíceis.

Ao anoitecer rastejamos novamente para a cabana. Alex se posicionou de forma a imobilizar o guarda. Tampou sua boca e arrastou para dentro da mata. No mesmo instante Fernando saiu agachado pelo porta a fora. Amarraram o guarda e corremos para a caverna. Nesta noite fizemos turnos de vigia. Durante três horas Fernando ficava acordado nos protegendo, depois será Alex, e por ultimo euzinha.

No turno de Fernando ele pisou numa pedra pontuda e cortou profundamente a sola do pé. Como estávamos todos cansados ele achou melhor não acordar ninguém, simplesmente cortou a camisa e amarrou-a corte para estancar o sangue. Mesmo com muita dor e perdendo sangue ele suportou corajosamente.

Quando amanheceu não pudemos nos conter diante da figura na frente da caverna. Era o guarda do Fernando. Ele veio resgatar seu prisioneiro.

- Escute aqui! Vamos conversar. Estas pessoas amam a Jesus e vieram me buscar. – disse Fernando assustado.
- Já entendi isso. Este seu Cristo é tão poderoso a ponto de enviar pessoas para te salvar. Fale-me mais dele. – o índio estava chorando e não tínhamos percebido.
- Claro, sente-se aqui.

Passamos a manhã inteira falando do amor de Deus para aquele homem. E qual não foi nossa alegria ao ver que ele aceitou Jesus como seu salvador? Pulamos de alegria. Ele voltou para a tribo e começou a anunciar este amor tremendo de Deus. Trinta minutos depois já haviam mais pessoas querem saber mais e mais. Inclusive trazendo comida para nós. Formamos um culto e aquelas pessoas aceitaram Jesus. Missão cumprida. Em pouco tempo quase toda a aldeia havia mudado de opinião. Interessante como Deus faz as coisas... Fernando esteve lá por tanto tempo e não conseguiu progresso. Precisou que nós estivéssemos lá para que nossos corações fosse transformados também. Quando o chefe da tribo veio nos procurar saltamos de alegria:

- Sabemos que vocês são donos daquela fazenda e gostaria de devolve-la a vocês – disse o chefe da tribo.
- Aceitamos com alegria, mas a partir de hoje vamos dedicar nossas vida para a grande comissão de Deus. Estudaremos e seremos missionário como Fernando.
- Muito bom! Vejo que seguiram o exemplo – sorriu Fernando.
- É verdade! Vamos ser o melhor para Deus – respondi – podemos vender a fazenda e com o dinheiro nos sustentar por algum tempo. Depois com as mobilizações encontraremos pessoas dispostas a ofertar para a obra.

- Desejo que Deus continue firmando este propósito nos seus corações e estaremos sempre aqui para ajudar – disse o líder com ar de poderoso.
- Obrigado por tudo. Temos que ir agora – Alex já estava caminhando de volta para casa – Fernando você vem conosco?
- Vou sim, mas apenas para dar um jeitinho no meu pé e volto rapidinho aqui para a tribo. Tenho muito trabalho a fazer aqui agora.
- Nós é que agradecemos – disse o líder da aldeia.

Assim que voltamos para a fazenda arrumei aquela bagunça enquanto Alex levou o missionário Fernando para o medico. Conseguimos vender a fazenda facilmente. Parece que Deus colocou as mãos sobre nossas vidas e tudo procedeu rapidamente. Nosso próximo passo foi procurar um seminário. E bem ali pertinho estava um seminário, em Monte Verde. Nos inscrevemos e mudamos para o seminário.

Não foi nada fácil estudar um ano tantas matérias, mas Deus abriu nosso entendimento. Os anos que se seguiram foi de muito estudo. Lutas? Tivemos muitas. Não é nada fácil estudar comportamento de outras culturas e coisas de que não estávamos acostumados. Certo dia houve comida típica e foi quase impossível comer aquilo. Era uma espécie de megido e todos juntos deveriam comer somente com a mão direita. Imagine muitas mãos numa mesma panela. Realmente tem que ter chamado de Deus e muito amor pelos povos não alcançados. Mas gloria a Deus que temos tanto o chamado como o amor.

Nosso projeto é ir para a tribos indígenas da Amazônia ou Acre. Ali implantar igreja, se possível uma pequena escola e hospital. Queremos ter muitos filhos, inclusive já escolhemos dois nomes: para o garotinho lindo que teremos o nome será Melvin e para a menina doce será Monalize. Escolhemos estes nomes porque Melvin significa amigo fidedigno, ou seja, tudo que Jesus representa para nós. E Monalize é nome de princesa. Lindo né !?

Pois é... Esta é nossa historia.

AUTORA: Michelle SANTOS Ribeiro

TEL: (61) 8485 7488

(34) 3216 6001

E-MAIL: michelleSANTOSRibeiro@yahoo.com.BR